

**FICHAMENTO 01**

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Prosa e Verso,** Rio de Janeiro, dez. 2017.

Alessandra Barreto Pinto Vitória

“[...] podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria” (p.01).

Essa degradação é derivada por algo denominado evolução que massifica e coisifica o ser humano ainda hoje, determinando que cultura e literatura pertençam à elite e segregando o proletariado.

“[...] O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra” (p.05).

Apropria cultura delimita a compreensão de cada individuo baseando-se em sua escala social, delimitado o entendimento do trabalhador e assim o privando da literatura dita culta.

“[...] São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. Mas a fruição da arte e da literatura estaria mesmo nesta categoria?” (p.06).

A arte e a literatura e tida como direito já sua fruição é só para alguns principalmente clássicos e elitizados.

“[...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p.07).

O sujeito em si necessita da ficção para suportar as durezas da vida, sabes que as histórias que lemos nos transportam a múltiplos lugares e ampliam o conhecimento, esse direito deve ser assegurado e ampliado a todos. Direito este que ainda requer mudanças comportamentais de educadores e sociedade, necessitando de politicas publicas para ser garantido a todos igualmente.

“[...] Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles” (p.07).

A criação de culturas locais traz a possibilidade da relação ficcional dos nativos de cada região e mundo, assim fortalecendo cultura deste povo.

“[...] A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor, o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco” (p.08).

O livro faz pensar, e esse ato transforma e forma individuo, dando uma maior significância aos signos e tornando o ser mais critico, e um ser pautado pelo conhecimento é um ser de risco pois este não se manipula fácil mente.

“[...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.13).

O poder de uma boa literatura é humanizar o ser, depois de absorver a literatura ninguém sairá o mesmo.

“[...] escritores empenhados em expor e denunciar à miséria, a exploração econômica, a marginalização” (p.20).

Tem seu objetivo concluído quando são lidos e absorvidos de tal modo que faça com que seu leitor repercuta a mensagem de sua escrita.

“[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza-nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (p.20).

E essa humanização se dá na transformação do pensar do ser impactando sua forma de agir.

“[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (p.20).

A literatura tem o poder de relatar as situações de vários prismas, e assim mostrar lados obscuros que um simples olhar não revela, tem o poder do linear do tempo e de ser à temporal ao mesmo tempo, poder de buscar a origem e de prever o futuro, de diferir rico e pobre e tem o poder sublime de edificar as descobertas.

**FICHAMENTO 02**

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_. **Andar entre livros -** A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

“[...] E m alguns países, os livros de leitura coletiva adotaram a forma de “novelas escolares”, narrativas coesas, que às vezes estimulavam o conhecimento do passado” (p.16).

Esse modelo surge para suprir as necessidades e objetivos dá época tornando o ensino de literatura mais interessante e uniforme.

“[...] fabulas e contos curtos para educar em relação a valores e comportamento” (p.17).

Ainda vemos essa prática nos dias atuais, no ensino médio utilizam-se contos como forma de educação de valores tanto morais como valores da cultura regional.

“[...] há mais de um século existe um discurso escolar favorável a que a escola permita o acesso dos meninos a uma biblioteca com livros adequados à sua idade” (p.18).

E esse discurso continua tão presente até hoje, pois ainda não se supriu essa necessidade.

“[...] a importância da aprendizagem literária em favor de outros usos linguísticos” (p.22)

Após tanta evolução e a revolução industrial era de se esperar que a importância da literatura também sofresse transformações e se tornasse algo mais abrangente e menos burguês.

“[...] Em definitivo, os alunos deviam recordar o que haviam lido ou ouvido sobre as obras sem que houvessem tido necessidade de aprofundar-se em sua leitura” (p.25).

Ou seja, mera memorização sem dar ênfase ao pensar podando o direito do raciocínio tornando o ensino mecânico e codificador, tornando o texto algo maçante e pesado.

“[...] novo marco conceitual ficou claro que o interesse da formação literária na escola não tem como raiz a transgressão de um discurso estabelecido sobrea as obras, mas que a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas às ideias e valores” (p.29)

Esse novo marco propiciou o posicionamento e pensar destes alunos, e deste modo estabelecendo relação e divergências com os demais pensantes, oportunizando o debate e a reformulação de valores e de pensares.

“[...] Os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os meninos a as meninas ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora e propicia sua inclinação para a leitura autônoma” (p.33).

Essa afirmação é dada por professores primários que perceberam a mudança que a leitura ocasiona nos alunos, e essa mudança é percebida pelo interesse na leitura autônoma e na relação com a escrita e criatividade.

“[...] os textos literários constituem um bom andaime educativo, não apenas para ler e escrever literatura, mas também para aprender os mecanismos do funcionamento linguístico em geral” (p.36)

A literatura tem um papel fundamental para a linguística ela aprimora a gramática, amplia o conhecimento linguístico, instiga a criatividade, aguça a curiosidade do conhecimento e leva seu leitor a outro espaço mesmo que ficcionalmente.